

Artigo de Pesquisa

PROBLEMATIZANDO A HISTÓRIA DOS SOLDADOS DA BORRACHA: O ENSINO DA AMAZÔNIA A PARTIR DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO COMPONENTE DE ESTUDOS AMAZÔNICOS

Questioning the history of rubber soldiers: teaching the Amazon from pedagogical practices in the Amazonian Studies component

Zayra Cilene Sousa da Fonseca¹, Mateus Monteiro Lobato²

¹ Prefeitura Municipal de Altamira, Secretaria Municipal de Educação, Altamira-PA, Brasil. E-mail. zayra.fonseka@hotmail.com

 ID: <https://orcid.org/0009-0008-7112-0428>

² Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Altamira-PA, Brasil. E-mail. monteirolobato@ufpa.br

 ID: <https://orcid.org/0000-0002-7780-8804>

Recebido em 10/08/2023 e aceito em 01/10/2023

RESUMO: Este trabalho tem como foco problematizar a história dos Soldados da Borracha diante das práticas pedagógicas relacionadas ao ensino da Amazônia, em especial, a importância dos sujeitos históricos, inseridos em um evento com objetivos de esforço de guerra. A Batalha da Borracha, nome dado ao evento que ocorreu em grande parte na Amazônia, impulsionado pela conjuntura política externa, ou seja, a Segunda Guerra Mundial, acarretou para a região a migração de aproximadamente 35 mil pessoas, em sua maioria, nordestinos. Um processo migratório induzido e “organizado” pelo Governo Federal com o apoio de uma junta de órgãos públicos e privados, criados com um único objetivo: levar mão de obra para a Amazônia. O objetivo desse trabalho é propor novos métodos de ensino da Amazônia em âmbito escolar, utilizando-os com alunos da Educação Básica, em especial, os inseridos na etapa que corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental, através da disciplina de Estudos Amazônicos. Portanto, parte deste propósito o interesse de apresentar de uma forma mais didática a história da Amazônia, dos seringueiros e os Soldados da Borracha. A prática que norteia esse trabalho foi executada em uma turma do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Saint Clair Passarinho, no município de Altamira.

Palavras-chave: Batalha da Borracha; Educação Básica; Ensino Fundamental; Práticas de Ensino.

ABSTRACT: This study focuses on problematizing the history of the Rubber Soldiers in the face of pedagogical practices related to teaching in the Amazon, in particular, the importance of historical subjects, inserted in an event with war effort objectives. The Battle of Rubber, name given to the event that took place largely in the Amazon, driven by the foreign political situation, that is, the Second World War, led to the migration of approximately 35 thousand people to the region, most of them from the Northeast. A migratory process induced and “organized” by the Federal Government with the support of a group of public and private bodies, created with a single objective: to bring labor to the Amazon. The objective of this work is to propose new methods of teaching the Amazon in the school environment, using them with Basic Education students, in particular, those inserted in the stage that corresponds to

the final years of Elementary Education, through the discipline of Amazonian Studies. Therefore, part of this purpose is the interest of presenting the history of the Amazon, the rubber tappers and the Rubber Soldiers in a more didactic way. The practice that guides this work was carried out in a 6th grade class at the Municipal Elementary School Saint Clair Passarinho, in the municipality of Altamira.

Keywords: Battle of Rubber; Basic education; Elementary School; Teaching Practices.

INTRODUÇÃO

Na historiografia, no que se refere ao extrativismo da borracha, ainda há muitas perspectivas de pesquisa que carecem ser trabalhadas e voltadas para o ensino da Amazônia na Educação Básica, ressaltando a produção e mão-de-obra da borracha do fim do período áureo e as contínuas consequências da exploração da matéria-prima nas décadas posteriores a decadência de sua exportação.

Diante disso, é importante salientar que no processo extrativista, as “drogas do sertão” foram a primeira atividade de exploração dos recursos naturais da Amazônia. No decorrer dos séculos outros produtos passaram a ser extraídos para fins comerciais. É o caso da borracha que teve seu apogeu a partir da década de 1880, estendendo-se até a primeira década do século XX. Assim tornou-se uma atividade bastante lucrativa e que influenciou o processo de povoamento da região amazônica, e seu desenvolvimento econômico e social, além de acarretar o crescimento de cidades como Belém (Pará) e Manaus (Amazonas).

A economia da borracha, em sua fase de maior esplendor, havia provocado na Amazônia uma grande transformação. Foram grandes mudanças de vasto significado geopolítico imarcescível para configuração humana da Região, em suas dimensões econômicas e sociais. Pela sua amplitude, essas mudanças tiveram grande impacto quanto à soberania do Brasil sobre a Região, bipolarizada entre o povoamento e o extrativismo da borracha. A forte migração para a Amazônia que a economia da borracha provocou mudou o perfil ocupacional da Região. Foram milhares de nordestinos tangidos pela miséria e pela seca que vieram para a Amazônia em busca de melhores condições de vida (Ribeiro, 2005, p.168).

A realidade inverte-se a partir de 1913, quando a produção extrativista da Amazônia não conseguiu competir com a rápida produtividade da matéria-prima nos países asiáticos, que se tornaram os grandes exportadores do produto, tirando do Brasil, e dos outros produtores americanos, o papel de primeiros produtores (Machado, 1989; Secreto, 2007). Nas décadas seguintes, houve tentativas de reaver a produtividade amazônica, porém outros fatores interferiram na frenética busca norte-americana pelo monopólio da borracha, que vai muito além do mal-das-folhas. Segundo Machado (1999), os investimentos federais estabelecidos para a Amazônia nos governos posteriores a decadência da exportação da borracha, foram responsáveis pela alteração da disposição espacial do povoamento da região.

O atrator primordial deixou de ser a rede fluvial e passou a ser as estradas pioneiras, tanto para os fluxos migratórios dirigidos como para as correntes migratórias espontâneas. À medida que os grandes eixos de estradas

pioneiras eram construídos na terra firme, ou seja, nas áreas não inundadas, as frentes de povoamento invadiam a selva e novas aglomerações apareciam, muitas delas já sob a forma de cidade (Machado, 1999, p. 117).

Pelo exposto, houve modificações geográficas significativas na Amazônia, e as antigas aglomerações fluviais que persistiram durante a intensa extração da matéria-prima do látex foram marginalizadas pelas ondas migratórias, exceto as cortadas pelos novos eixos de circulação terrestre, ocasionadas pelos projetos de colonização governamental, um exemplo foi implantado no eixo da Transamazônica (Pará).

E por décadas a borracha da Amazônia caiu no quase esquecimento e, junto dela, a excessiva mão de obra que restara dos tempos áureos. Somente nos anos de 1940 a borracha amazônica volta a ter devida atenção durante a Segunda Guerra Mundial, e à emergente necessidade do Estados Unidos da América pelo produto, fez-se com que os olhos do mundo se voltassem novamente para a região e sua produção extrativista de borracha: a Batalha da Borracha.

Com a invasão japonesa dos seringais do Oriente [...] os estoques de borracha dos Aliados começaram a diminuir muito, e a produção brasileira no momento não era o suficiente para a demanda. Para aumentar a produção em pouco tempo era necessário muito mais que o aumento do preço, e a Batalha da Borracha foi um esforço verdadeiramente grande nesse sentido (Wolff, 1999 p. 137).

Diante disso, a temática abordada neste trabalho remete a extração e exportação de recursos naturais, algo que em sua forma primária constitui traço marcante da região Amazônica e desempenha o papel em diferentes momentos no padrão de reprodução do capital na formação econômica e social brasileira (Novais, 2007; Santos, 1980). Deste modo, abordar tal assunto oportunizaria a cada aluno a capacidade de raciocínio, contribuindo para que estes possam compreender o quão estão inseridos dentro desse processo.

A construção do ambiente amazônico está voltada para as reflexões direcionadas à região. Dessa forma os professores (as) que conduzem essas reflexões devem criar metodologias que não desviem o ensino da realidade amazônica. Os assuntos problematizados devem levar os alunos (as) a perceberem os diferentes espaços amazônicos existentes, bem como as mudanças ocasionadas nesses espaços pela intervenção do homem (Almeida, 2016, p. 4).

Almeida (2016, p.3) ressalta a importância da criação de metodologias que aproxime o aluno da realidade, pensando na inovação das práticas pedagógicas em sala de aula que despertem o sentimento de pertencimento e a construção da identidade amazônica. Entretanto, os pouquíssimos estudos já realizados e algumas vezes já desatualizados acerca do extrativismo da borracha, em especial, a Batalha da Borracha, estão voltados para o ambiente acadêmico, o que os distancia da sala de aula e dos alunos da Educação Básica inseridos na etapa que corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental.

Portanto, partiu-se deste propósito o interesse de apresentar didaticamente a história da Batalha da Borracha, com a perspectiva de mostrar aos alunos a importância de aprender sobre a Amazônia, conhecendo a atividade extrativista da borracha que se iniciou no final do século XIX, mas que ainda perdura como atividade econômica em diversos lugares na região amazônica, até os dias atuais.

A prática que é norteada por esse trabalho foi executada em uma turma do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Saint Clair Passarinho, no município de Altamira. E foi realizada em sala de aula com um intermédio de um jogo de tabuleiro: “Percorrendo a estrada da seringa”, no qual os alunos exploraram o conhecimento acerca da Amazônia, da atividade extrativista do látex, o ofício do seringueiro, e a história da Batalha da Borracha.

Na primeira parte do artigo é feita uma contextualização do assunto, mas que serve também de prelúdio à aula prática. Na seguinte um cotejamento entre o do componente Estudos Amazônicos e as dificuldades de trabalhá-lo. E na última parte a explicação geral da atividade prática desenvolvida na sala de aula em torno do jogo de tabuleiro.

MATERIAIS E MÉTODOS

Do evento aos sujeitos históricos: conhecendo a Batalha da Borracha

Inicialmente, é necessário historiar brevemente acerca da conjuntura político- mundial do momento, e do programa de políticas públicas “A Marcha Para o Oeste”, abordagens indissociáveis a este assunto, uma vez que os sujeitos históricos, discutidos neste trabalho, foram protagonistas do sucesso de ocupação do espaço territorial dos sertões brasileiros proposto por Vargas, sendo “recrutados” por justificativa da guerra.

Na década de 1940, o cenário político internacional era instável diante da Segunda Guerra Mundial, protagonizada por dois grandes grupos, polarizando o mundo entre Aliados (Estados Unidos, França e Inglaterra) e Eixo (Alemanha, Japão e Itália). Com isso, o conflito criou uma conjuntura que em 1941, gerou “o ingresso dos Estados Unidos na guerra exigiu uma posição clara das nações americanas” (Secreto, 2007, p. 123).

O Brasil, por sua vez, vivia sob um regime ditatorial, imposto após o golpe de 1937, que manteve Getúlio Vargas no poder, instaurando-se o Estado Novo. Vargas, que desde o golpe de 1930, época em que assumiu o governo, teve um papel fundamental para reestruturar o Estado, conduzindo o país à modernização e integração (D’araújo, 1999).

Segundo Gomes (2013), um dos principais objetivos do Estado Novo (1937-1945) era a integração nacional que, para Vargas, havia uma necessidade enorme de ampliar a comunicação e ocupar territórios até então “despovoados” que se encontravam no interior do país. Com isso formulou-se uma série de políticas públicas que deveriam

ser implementadas por meio da Marcha para o Oeste, que seriam pautados na conquista dos sertões brasileiros, visto por ele como isolados.

Mas não se restringia somente a isso. O objetivo era tornar esses lugares ocupados, deixando de ser “periféricos” para que assim fossem integrados ao corpo da Nação e contribuintes de riquezas para assegurar a grandeza e modernidade do país (Soares, 1948).

Segundo Secreto (2007, p. 7):

[...] a ideia de marchar para o interior logo se estendeu à região amazônica, que também ingressou no “imaginário oficial” entre os territórios internos a ser ocupados pelos homens do sertão, preferencialmente os nordestinos, cuja missão – além da abnegação – era alargar o território, como antes tinham feito os bandeirantes.

Assim, o discurso que justificava as políticas públicas voltadas para a Amazônia estava pautado em dois objetivos:

Redimir a Amazônia do descaso governamental que a região vinha sofrendo desde a decadência da borracha, e em segundo trazer a solução para a questão dos camponeses nordestinos que iriam ganhar dinheiro e conseguir terras. Essas justificativas plausíveis legitimavam a Marcha para Oeste e a Batalha da Borracha, tornando-as campanhas bandeirantes que tinham o objetivo de integrar os sertões ao restante da Nação (Guillen, 1997, p.96).

Para Secreto (2007), a “Marcha” e o seu complemento de ocupação da região amazônica tinham como objetivo a colonização, e a fixação da família sertaneja nos territórios interiores. E a autora tem a perspectiva de que um dos objetivos por trás da política de migração para a Amazônia, era aliviar as tensões sociais que assolavam os camponeses, pois as migrações já eram incentivadas pelo governo bem antes dos acordos entre Brasil e EUA, distribuindo passagens gratuitas aos que estivessem dispostos a migrar para outra região. “Desde 1940, o governo vinha se encarregando de ‘facilitar’ a imigração de nordestinos para os seringais por meio de concessão de 4 mil passagens no Lloyd Brasileiro e na Amazon River” (Secreto, 2007, p. 83).

Diante disso, o governo se apropriou de um discurso voltado para a conjuntura política internacional. Lembrando que, em dezembro de 1941, o bombardeio japonês ao ancoradouro naval norte americano denominado *Pearl Harbor*, oficializa a entrada dos EUA na guerra e, conseqüentemente, põe fim à ambigüidade da política externa do governo de Vargas em janeiro de 1942.

O ingresso dos Estados Unidos na guerra exigiu uma posição clara das nações americanas. O domínio japonês das ilhas do Pacífico cortou o fornecimento de borracha e, com isso, foi a abastecer as nações aliadas matérias-primas. (Secreto, 2007, p. 61).

Vale ressaltar que o Brasil só declara guerra ao Eixo em agosto de 1942. Portanto, apoiando os EUA e os Aliados na Segunda Guerra, em março do mesmo ano, uma série de acordos foram firmados entre os governos brasileiro e norte-americano,

chamados de Acordos de Washington, que iam de auxílios, técnico e financeiro, ao fornecimento de matérias-primas.

Em troca de uma série de matérias primas estratégicas, tais como a borracha e alguns minerais, os Estados Unidos forneceriam ao Brasil material bélico e financiamentos para programas de saneamentos (Vale do Rio Doce e Amazônia) e abastecimento alimentar (Guillen, 1997, p. 95).

Costa (2007, p. 39), em citação ao que foi proferido por Valentim Bouças¹, assevera,

[...] que os acordos celebrados com os Estados Unidos foram de grande interesse para o Brasil. Entre os compromissos assumidos pelos americanos, estavam o de fornecerem armas, munições, ferramentas, medicamentos, materiais ferroviários e fluviais e tudo o mais que fosse necessário para a indústria brasileira.

Entretanto, desde 1940, os EUA buscavam medidas para assegurar o fornecimento de borracha diante do cenário de guerra. Segundo Dean (1989), em 1941, estudos realizados em território amazônico estimavam, em termos práticos, a extração sem exceder de 100 000 toneladas de borracha. Isso conseqüentemente implicaria no aumento de mão de obra, investimentos em transportes fluviais, alimentos e serviços médicos.

Seria preciso levar mais seringueiros para a região e injetar mais suprimentos nos canais de fornecimento. De acordo com os cálculos otimistas do estudo, uma produção de 100 000 toneladas implicava 100 000 seringueiros, a serem trazidos, muito provavelmente, do árido e empobrecido Nordeste, como nos dias do boom (Dean, 1989, p 138).

Durante a guerra, a demanda estadunidense por borracha era altíssima, devido ao domínio do Japão sobre os seringais asiáticos, que forneciam a matéria prima desde a decadência da exportação da borracha brasileira. Com a real necessidade pela matéria prima, voltaram-se os olhos para Amazônia e sua produção extrativista, promovendo a Batalha da Borracha.

Com a invasão japonesa dos seringais do Oriente, e a posição do Japão favorável à Alemanha e Itália, os estoques de borracha dos Aliados começaram a diminuir muito, e a produção brasileira no momento não era suficiente para a demanda. Para aumentar a produção em pouco tempo era necessário muito mais que o aumento do preço, e a Batalha da Borracha foi um esforço verdadeiramente grande nesse sentido, que envolveu não só a injeção de recursos na região, mas a criação de instituições [...] (Wolff, 1999, p. 137).

Diante da necessidade estadunidense, o recrutamento por trabalhadores se fez ainda mais evidente, forçando o país a construir um plano, que foi executado pela

¹ Diretor da CAETA – Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia.

Coordenação da Mobilização Econômica, garantindo a seleção e encaminhamento de trabalhadores para Amazônia.

Em 1942, o Presidente da República confiará ao Conselho de Imigração e Colonização a elaboração de um plano de exploração e colonização do vale amazônico que considerasse a forma mais adequada de colocação de trabalhadores nordestinos nos seringais (Secreto, 2007, p. 83).

Por meio deste plano serão criadas duas instituições responsáveis por recrutar e adentrar o trabalhador nos seringais: Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA). Ambas foram instituídas legalmente, a primeira pelo Decreto-lei nº 4.750, “encarregava-se de recrutar e levar o trabalhador até Belém”; a segunda criada em dezembro de 1942, pelo Decreto-lei nº 5.044, “colocava o trabalhador nos seringais e se encarregava, com a *Rubber Development Corporation* (RDC), de fornecer gêneros essenciais diretamente aos seringalistas” (Secreto, 2007, p. 86).

Mas, para que o recrutamento de trabalhadores fosse possível, e a Campanha para Batalha da Borracha tivesse êxito, um outro órgão governamental teve papel fundamental em sua propaganda: o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Era o órgão responsável pelo controle dos meios de comunicação (censura), difusão e divulgação das mensagens propagandistas do Estado Novo (1937-1945).

Foram o DIP e Jean Pierre Chabloz² os responsáveis pela eficácia da campanha usando propaganda e arte, e tendo como aliados os elementos de ordem emocional e os imaginários sociais. A propaganda para recrutar trabalhadores explorou alguns elementos do imaginário, dos desejos e das emoções, por meio de símbolos e de um discurso direto e apelativo (Secreto, p. 73).

A representação da Amazônia nos cartazes do SEMTA, estava distante da realidade com a qual muitos nordestinos se depararam. A floresta amazônica e sua imagem idílica, apresentavam “a exploração de borracha como uma atividade de fundo de quintal”, como bem pontua Secreto (2007, p. 76) ao analisar o cartaz “Vida Nova na Amazônia” (figura 1). O cartaz “Rumo à Amazônia Terra da Fartura” (figura 2), representa o percurso da migração em dois pontos: um seco e o outro verde. Para analisar esse cartaz, Secreto (2007), utiliza os termos sequidade e uberidade, como elementos de expulsão e atração, ou seja, a representação da Amazônia como terra da fartura, era acompanhada pela imagem do sertão pobre e árido.

² Pintor suíço, que emigrou para o Rio de Janeiro em 1940, foi o encarregado de realizar parte da arte da propaganda oficial do SEMTA. (SECRETO, 2007, p. 126).

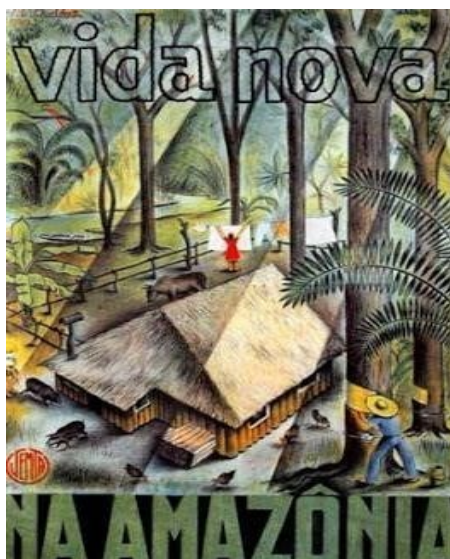


Figura 1: Vida Nova na Amazônia. **Fonte:** Acervo Jean Pierre Chabloz – Museu de Arte da Universidade do Ceará (1984).

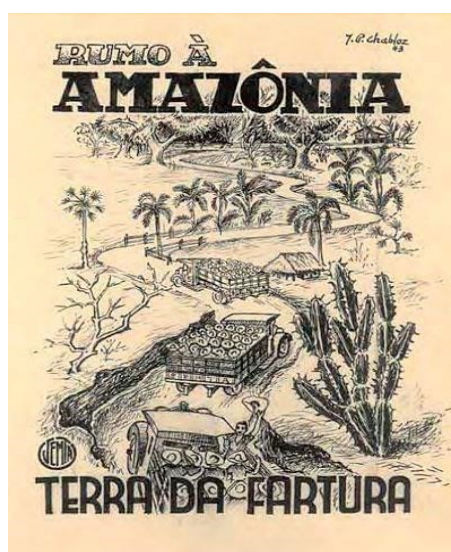


Figura 2: Rumo à Amazônia Terra da Fortuna. **Fonte:** Acervo Jean Pierre Chabloz – Museu de Arte da Universidade do Ceará (1984).

Diante disso, Wolff (1999) aponta que o número de pessoas vindas para a Amazônia e Mato Grosso na Batalha da Borracha foi de 55.339, dos quais 36.289 eram homens destinados ao trabalho no seringueiro e 19.059 eram os seus dependentes (crianças, mulheres e anciãos). Entre esses, poucos voltaram para sua terra em fins de 1945, outros foram vitimados por doenças ou acidentes com animais, e os que ficaram na Amazônia se dividiram entre os que optaram por ficar, e aqueles pressionados por meio do endividamento, que não os deixará saldar lucro algum.

Contudo, não se sabe ao certo quantos nordestinos adentraram na Amazônia entre os anos de 1943 a 1945. Na literatura referente ao assunto ainda há muitas contradições quando se trata de uma estatística exata do número de imigrantes. O que se tem por base são as demandas dos que saíram de Fortaleza, e que entraram em Belém ou Manaus. Segundo Samuel Benchimol (1994, p. 113):

Quantos eram, ninguém saberá jamais. Nem o número de nomes, nem o nome dos números, pois nunca existiram estatísticas de emigração no Nordeste, e nem de imigração na Amazônia. As que se encontram foram baseadas nos quadros de pessoas saídas do porto de Fortaleza e de outras cidades do nordeste, e de pessoas entradas em Belém e Manaus. Mesmo assim, as fontes são extremamente contraditórias e, deste modo, o labor censitário dos números perde grandeza e precisão.

Sendo assim, não cabe aqui esclarecer quantas pessoas morreram durante a Batalha da Borracha. Secreto (2007), pontua que “as estatísticas de morte nunca são muito precisas, mas podem nos dar uma ideia da magnitude da tragédia humana” (Secreto, 2007, p. 37). Contudo, os prováveis números evidenciam as falhas dos órgãos governamentais responsáveis por incentivar a migração, dar assistência aos seringueiros e seus dependentes, fixá-los em uma realidade desconhecida, e torná-los dependentes de um sistema quase escravista, que se reatualiza no decorrer dos séculos.

Não obstante a essa inexatidão quanto ao número de imigrantes nordestinos, a realidade de vida nos seringais nada tinha quando comparada ao que foi propagado nos cartazes de divulgação governamental nos anos de recrutamento para Amazônia, além de outros pontos prometidos pelo governo brasileiro e que não foram cumpridos. Segundo Gomes (2013), a Batalha da Borracha foi o exemplo de propaganda governamental e migração bem-sucedida, porém a mais trágica, com consequência para a vida dos migrantes e seus familiares.

Mesmo que a criação de órgãos governamentais brasileiros (SEMTA, SAVA, CAETA, SESP, e o Banco de Crédito da Borracha)³ e norte-americano (RDC) tenham recrutado, equipado, transportado e buscado enfraquecer o velho sistema de aviamento⁴, nem um deles foram capazes de auxiliar verdadeiramente os seringueiros, quando estes adentravam a mata, e muito menos derrubaram o trabalho compulsório imposto pelo sistema.

De acordo Dean (1989), a embaixada – norte-americana – decidiu colaborar com aqueles que controlavam o comércio na região, ou seja, os donos dos seringais, como a única esperança de aumentar as exportações, que para eles “fora um erro ignorar a

³ O SEMTA e o SAVA serão extintos em setembro de 1943, pelo Decreto-Lei nº 5.813. E substituídos pela CAETA; SESP – Serviço Especial de Saúde Pública; o Banco de Crédito da Borracha que, anos à frente, seria convertido pela Lei 1.184/50, no Banco de Crédito da Amazônia, pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra.

⁴ Para Mikel Aramburu, o sistema de aviamento é um adiamento de mercadorias a crédito, que começou a ser usado na região na época colonial, mas foi ciclo da borracha que se consolidou como sistema de comercialização e se constituiu em senha de identidade da sociedade amazônica. (Aramburu, 1994, p. 191).

sociedade estabelecida com seus tentáculos seculares que se estendem sobre todos os milhares de seringueiros” (Dean, 1989, p. 141). Portanto, os órgãos se curvaram diante dele, e deixaram muitos nordestinos a mercê por longas décadas lutando suas batalhas “diárias” da borracha.

O ensino da Amazônia e a prática pedagógica

Na região Norte, em especial no estado do Pará, temos a disciplina de Estudos Amazônicos que é obrigatória na grade curricular do Ensino Fundamental II. O componente curricular tem como objetivo construir um cidadão crítico, capaz de estabelecer uma relação social melhor com o espaço em que está inserido, permitindo os educadores das áreas de Ciências Humanas apresentarem aos seus discentes um estudo mais específico sobre a organização espacial da Amazônia, e a sua ocupação pelos diferentes agentes sociais que organizam o território.

O componente curricular de Estudos Amazônicos foi incorporado ao ensino paraense no final da década de 1990, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96 a partir dos estudos desenvolvidos acerca da História Regional e Local. Mas isso só foi possível diante de uma nova concepção historiográfica que surgiu na França em 1929, denominada de Nova História⁵. Essa nova concepção possibilitou a diversificação no conceito de fonte histórica, consequentemente provocando, uma dinamização no objeto de estudo do pesquisador.

Para Cristiano Lima (2011, p. 10):

A importância do estudo da história local nas escolas está na tentativa de fazer com que o aluno reaprenda e valorize a história de sua sociedade e de sua própria história, mostrando que o mesmo é partícipe da história, tornando também este ensino importante para sua vida, desconstruindo assim a ideia de que o ensino da história não lhe diz respeito, pois não está ligado a ele, rompendo, portanto, a forma de ensino tradicional de memorização sistemática de datas e fatos para a construção de um estudo participativo e investigativo por parte do professor e do aluno, reafirmando a importância e a necessidade da interação escola e comunidade, pois desta forma incentivará a reconstrução histórica da mesma.

Portanto, essa obrigatoriedade da disciplina no currículo escolar de instituições públicas de ensino do estado do Pará, é importante diante de uma discussão voltada em específico para conhecimento histórico da Amazônia, possibilitando ao aluno conhecer melhor o espaço em qual está inserido, provocando nele o sentimento de pertencimento e formação de identidade.

⁵ A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional, e passou se interessar por virtualmente toda a atividade humana. “Tudo tem uma história”, como escreveu certa ocasião o cientista J.B.S. Haldane; ou seja, tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. (BURKE, 1992).

Segundo Bittencourt (2008, p. 168), “a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência”.

Porém, trabalhar a história da Amazônia na Educação Básica gera desafios para os educadores, que em sua maioria buscam novos métodos de ensino com o objetivo de tornar suas aulas mais compreensíveis, possibilitando o processo de ensino – aprendizagem dos nossos alunos.

Partindo disso, a reformulação da prática pedagógica se daria, por intermédio da utilização de elementos acessíveis a comunidade escolar e que apresentem um leque de possibilidades metodológicas diferenciadas de ensino, que podem fazer o aprendizado em sala de aula tornar-se cada vez mais acessível e prazeroso para grande parte dos alunos. No que tange a isso, a busca de metodologias que provoquem motivação, como a utilização dos jogos adaptados aos objetos do conhecimento ministrados, tem se mostrado uma boa estratégia.

Os jogos têm auxiliado o professor em sala de aula justamente porque eles tornam os conteúdos mais atrativos e a aula mais didática, atingindo um número maior de alunos, pois “[...] jogar possibilita ao ser humano vivenciar, experimentar novas situações [...] o jogo permite interpretar, simular a vida e, por ser ficcional, permite explorar possibilidades, ousar, além de evocar a imaginação e a criatividade” (Brougère, 1998, p. 178).

Em sala de aula, ao trabalharmos com os conteúdos relacionados à Amazônia, é possível perceber em sua maioria que grande parte dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a região, partem de representações por eles adquiridas através dos livros didáticos e da mídia.

Rocha e Amoras (2006), publicaram uma pesquisa intitulada “O ensino de geografia e a construção de representações sociais sobre a Amazônia”, onde o objetivo era analisar as representações sociais criada pelos alunos de uma escola pública no município de Belém, por meio de uma atividade com o título “Como eu vejo a Amazônia”. As representações sociais foram as mais diversas possíveis, em sua maioria, destaca-se: a Amazônia como um lugar distante; como apenas um conjunto de elementos e recursos naturais; como um ambiente romantizado e destituído de vida humana; e quando o homem estava inserido no ambiente, destacou-se a relação homem-natureza de forma harmônica.

Há nas representações dos alunos e alunas, a existência de uma natureza harmônica e perfeita. Neste “espaço” não há lugar para o homem. Ele não existe. Seria então a Amazônia o “vazio demográfico” tão difundido no discurso utilizado para justificar as políticas desenvolvimentistas elaboradas para a região nas décadas de 1970/80? [...] Tais representações, acreditamos, resultam de discursos que são difusores da idéia de uma natureza intocada, infinita [...] A grandeza dos recursos naturais amazônicos é sempre massificada através dos documentários e reportagens produzidos pelos diversos canais de televisão. Nestas representações elaboradas e difundidas pela televisão, os habitantes do espaço Amazônico, são na maioria das vezes, excluídos desse “cenário”. A Amazônia é um outro lugar visto a

partir [...] de cidades que são sede de grandes emissoras de televisão. Ela não é urbana, é só floresta, rios, animais (Rocha; Amoras, 2006, p. 155-162).

Importante ressaltar, que os alunos que realizaram a atividade descrita acima são residentes de uma área urbana, e em sua maioria, descreveram a Amazônia com total ausência de identidade e sentimento de pertencimento. Esse desafio de ensinar sobre a região amazônica não se limita apenas aos grandes centros urbanos, os educadores que atuam em municípios no interior do estado do Pará também enfrentam esse obstáculo em sala de aula.

Tal situação foi vivenciada em 2022 no componente de Estudos Amazônicos, com uma turma do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Saint Clair Passarinho, localizada no município de Altamira, estado do Pará. Nessa ocasião percebemos, a partir da verbalização dos alunos, a Amazônia como um lugar distante da sua realidade, como se eles não estivessem inseridos dentro do espaço amazônico. Isso nos remete ao desafio de trabalhar os eventos históricos na Amazônia, os sujeitos neles envolvidos, pensar na reformulação da prática pedagógica e nos métodos de ensino que possibilitem a aproximação do aluno com sua história local.

Diante disso, a temática discutida no tópico anterior foi trabalhada em sala de aula com o auxílio do fascículo “O valor dos seringueiros como madrugadores da floresta: da *Hevea brasiliensis* à borracha”, que é um produto educacional gerado a partir da pesquisa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática, da Universidade Federal do Acre, realizado pela Profª. Ma. Danielly de Nóbrega.

O objetivo do material era ensinar química considerando os saberes tradicionais relacionados ao extrativismo do látex junto à Comunidade Rio Branco no Seringal Floresta da Reserva Extrativista Chico Mendes em Xapuri – AC. Portanto, o material foi pensado para os anos finais da Educação Básica, buscando atender a interdisciplinaridade de temas dos componentes: Química, Biologia, Geografia, História e Matemática.

Entretanto, Nóbrega (2016, p. 1) afirma que “apesar do enfoque, esse fascículo pode ser utilizado junto a outros segmentos do ensino, servindo como guia para professores, ou como apoio no desenvolvimento de atividades educativas”. A partir disso, elaboramos um baralho de questões, seguindo as competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos do 6º ano. As atividades foram divididas em três aulas:

A primeira aula foi expositiva acerca do conteúdo, na qual trabalhamos o evento histórico no geral, destacando o período em que ocorreu, os motivos que o desencadearam, as consequências e os sujeitos históricos nele inseridos (resumido na primeira parte desse artigo).

A segunda aula foi reservada para a confecção do tabuleiro do extrativismo da borracha, na qual os alunos, montaram e coloriram o material, cortaram as peças, as fichas e as recompensas (dinheiro de brinquedo). Nessa aula, aproveitei o contato que eles tiveram com as peças (que era usada por cada jogador) que remetia aos utensílios usados pelos seringueiros para extrair o látex, e fiz a apresentação de cada um deles com a contribuição da turma.

Na terceira aula o jogo foi executado, a turma de 28 alunos foi dividida em 7 grupos com 4 integrantes. Cada grupo organizou seu tabuleiro, as fichas e peças, e as regras do jogo foram explicadas. São as mesmas regras sugeridas por Nóbrega (2016), constante no quadro 01:

Quadro 01. regras do jogo proposto por Nobrega (2016).

| | |
|--------------------------|--|
| Vamos jogar? | O jogo chama-se "Percorrendo as Estradas de Seringa". E foi criado de modo a permitir que estudantes de várias idades possam compreender a vida no seringa. |
| Descrição do jogo | Você vai precisar de: tabuleiro, fichas de cumbuca, fichas de animais, peças que representam os jogadores, um dado, baralho de questões e dinheiro de brinquedo. Objetivo: Receber o maior valor em dinheiro de brinquedo após 5 rodadas. |
| Como jogar | <p>Cada jogador escolhe uma peça para representá-lo na estrada de seringa e a coloca na escola rural. Cada jogador deve lançar o dado, quem tirar o maior número começa o jogo. Na sua vez de jogar, lance o dado e ande o número de casas indicadas.</p> <p>Casa contendo um animal da floresta: quando sua peça cair em uma casa contendo um animal da floresta, significa que você o caçou para se alimentar. Receba uma ficha correspondente ao animal caçado. Entretanto, cada seringueiro só pode caçar apenas uma animal por rodada. Caso sua peça caia novamente na casa contendo um animal, você deve voltar para o início do jogo. Você não deve caçar por prazer, isso é crime!</p> <p>Casa contendo a onça: quando sua peça cair em uma casa contendo a onça, você deve voltar para o início do jogo. As onças são animais protegidos!</p> <p>Casa contendo o mapinguari: quando sua peça cair na casa contendo o mapinguari, você deve voltar para o início do jogo. Não irrite o protetor da floresta!</p> <p>Casa contendo as palavras par/ímpar: quando você passar por uma casa contendo as palavras par/ímpar, você deve seguir a seta conforme o número tirado. Ou seja, se você tirou um número par, ao passar por esta casa, siga a seta par; se você tirou um número ímpar, siga a seta ímpar.</p> <p>Casa contendo a Mãe da Mata: Quando a sua peça cair na casa da Mãe da Mata, você ganha uma cumbuca de látex por ajudá-la denunciando o desmatamento ilegal.</p> <p>Casa contendo a seringueira: Quando a sua peça cair na casa contendo a seringueira você deve retirar uma carta do baralho de questões. Caso você responda a questão corretamente, você ganha uma cumbuca de látex. Caso não responda corretamente ou não saiba responder, o próximo jogador tem o direito de respondê-la. Caso ele responda corretamente, ele ganha uma cumbuca de látex. Caso ele não responda corretamente ou não saiba responder, dá-se a chance ao próximo jogador. Caso nenhum dos jogadores saiba a resposta da pergunta, ninguém ganha a cumbuca, mas o grupo deve pesquisar a questão sob a orientação do mediador. O jogo só prossegue quando a pergunta for respondida.</p> <p>Madeira de manga: Quando a sua peça cair na "madeira de manga" você tem direito a responder 3 questões conforme as instruções para a casa contendo a seringueira.</p> <p>O jogo prossegue até que o primeiro jogador dê a volta no tabuleiro. Quando isso acontecer, todos vão ao posto de recolhimento. No posto de recolhimento cada participante deve jogar o dado. O número tirado corresponde ao teor de borracha no látex coletado: o número 1 corresponde a 25%, o número 2 a 30%, o número 3 a 35%, o número 4 a 40%, o número 5 a 45% e o número 6 a 50%. Multiplique o número de cumbucas pelo teor para saber a quantidade em litros de látex coletado. Para cada litro de látex receba R\$8,00 em dinheiro de brinquedo. Terminada a primeira rodada, inicia-se a segunda; assim até completar 5 rodadas.</p> |
| Fim do jogo | Após cinco rodadas, cada jogador deve contar quanto dinheiro ganhou na coleta de látex. O vencedor é aquele que conseguiu somar a maior quantidade em dinheiro de brinquedo. |

Fonte: Nóbrega (2016)/adaptado. Adaptado de Carvalho, 1994.

E além das regras do jogo, na figura 03 está a digitalização do tabuleiro completo contendo os percursos para os jogadores, as casas e as imagens dos animais e dos outros objetos. Nas figuras 04, 05, 06, 07 e 08 estão as fichas de cumbuca e de animais, as peças que representam os jogadores, o dinheiro utilizado no jogo (sem valor) e o baralho de questões, respectivamente.



Figura 3. Percorrendo as Estradas de Seringa. Fonte: Nóbrega (2016)/adaptado. Adaptado de Carvalho, 1994.



Figura 4. Ficha e Ficha 2. **Fonte:** Nóbrega (2016)/adaptado. Adaptado de Carvalho, 1994.

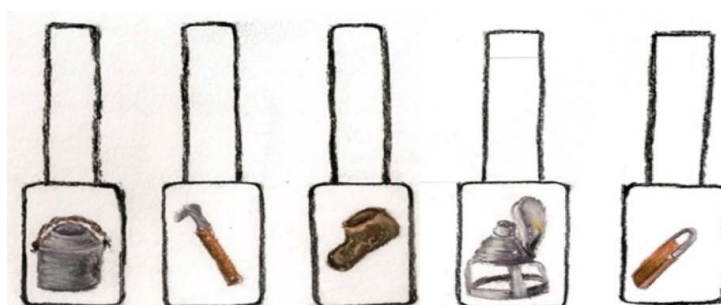


Figura 5: Peças que representam os jogadores. **Fonte:** Nóbrega (2016)/adaptado. Adaptado de Carvalho, 1994.



Figura 6. Dinheiro sem valor (recompensa). **Fonte:** Nóbrega (2016)/adaptado. Adaptado de Carvalho, 1994.

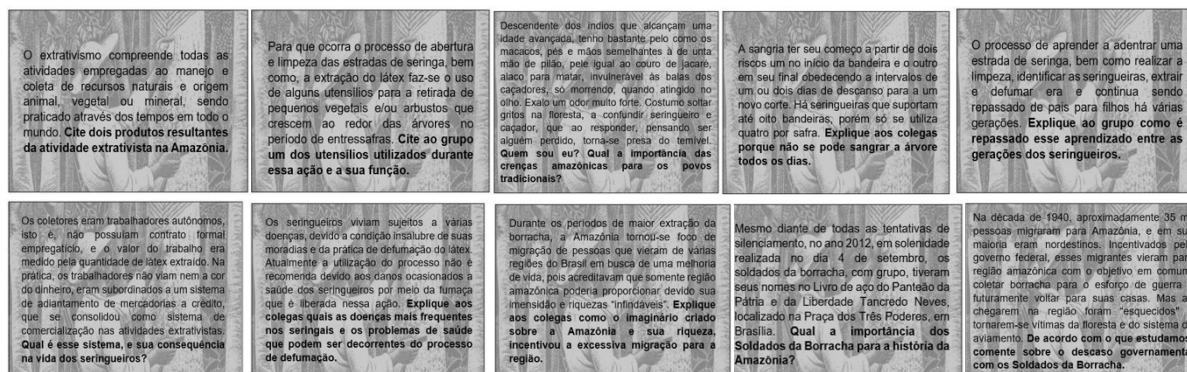


Figura 7: O baralho de questões. **Fonte:** Nóbrega (2016)/adaptado. Adaptado de Carvalho, 1994.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ação prática na escola

A atividade foi desenvolvida em sala de aula, no turno vespertino, nos dias 22, 29/11 e 06/12/22 (conforme as figuras 8, 9 e 10). A primeira aula no dia 22/11 (figura 08) foi expositiva acerca do conteúdo, na qual trabalhamos o evento histórico no geral, sintetizado anteriormente aqui no artigo. Essa aula consistiu na apresentação da temática com o intermédio de um varal de imagens, no qual os alunos visualizaram a prática da atividade extrativista da borracha, desde os recrutamentos até a vida nos seringais. Também utilizamos produtos que fazem parte do cotidiano/conhecimento dos alunos: bola de basquete, borracha escolar, luvas descartáveis, luvas de limpeza, cola de papel e balões de aniversário. O objetivo da utilização desses produtos consistia em mostrar aos discentes o quanto estão inseridos no processo da atividade extrativista da borracha mesmo como consumidores, já que os produtos citados acima possuem em sua composição o látex, aproximando-os dessa realidade.

Além disso, desenvolvemos aspectos do evento histórico, como ele ocorreu, os motivos que o desencadearam, as consequências e os sujeitos históricos nele inseridos.

Na aula do dia 29/11 (figura 9) foi realizada a confecção do tabuleiro do extrativismo da borracha, na qual os alunos montaram e coloriram o material, cortaram as peças, as fichas e as recompensas (dinheiro de brinquedo). Nessa aula, aproveitei o contato que eles tiveram com as peças (que era usada por cada jogador) que remetia aos utensílios usados pelos seringueiros para extrair o látex, e fiz a apresentação de cada um deles com a contribuição da turma.

Na terceira aula, no dia 06/12 (figura 10) o jogo foi executado, a turma com 28 alunos foi dividida em 7 grupos com 4 integrantes. Cada grupo organizou seu tabuleiro, as fichas e peças, e as regras do jogo foram explicadas.



Figura 8. Execução da atividade na escola. Fonte: Fonseca (2022).



Figura 9. Execução da atividade na escola. Fonte: Fonseca (2022).



Figura 10. Execução da atividade na escola. **Fonte:** Fonseca (2022).

Cada jogador escolheu uma peça para representá-lo na estrada de seringa e a colocou na escola rural.

Usei o tabuleiro para explicar o que é uma estrada de seringa e a função da escola rural dentro dos seringais.

Cada jogador lançou o dado, quem tirou maior número começava o jogo. Na sua vez de jogar, lançava o dado e andava o número de casas indicadas.

- **Casa contendo um animal da floresta:** quando sua peça caía em uma casa contendo um animal da floresta, significava que o jogado caçou para se alimentar. Recebendo uma ficha correspondente ao animal caçado.

Seguindo às orientações de Nóbrega (2016), quando o aluno atingia essa casa era necessário pontuar a importância de caçar os animais apenas para se alimentar, e caso a sua peça caísse em outra casa contendo um animal na mesma rodada, o jogador deveria voltar ao início do jogo, evidenciando assim, o ato de caçar por prazer e por fins lucrativos, como crime, conscientizando o aluno a proteger os animais da floresta amazônica.

- **Casa contendo a onça:** quando a peça caía em uma casa contendo a onça, o jogador deveria voltar para o início do jogo.

Nessa casa, ressaltamos a importância da preservação e proteção da fauna e flora amazônica. Destacando as espécies em extinção, o porquê de estarem correndo esse risco e explicando as consequências para a região. Pontuamos o motivo das onças e outros animais serem protegidos.

- **Casa contendo o mapiquari:** quando a peça caía na casa contendo o mapiquari, o jogador deveria voltar para o início do jogo. Não irrite o protetor da floresta!

Nessa casa, desenvolvemos brevemente sobre a lenda do Mapinguari e ressaltamos a importância das crenças amazônicas para os povos tradicionais, para a proteção da região e preservação cultural da Amazônia.

- **Casa contendo as palavras par/ ímpar:** *quando o jogador passasse por uma casa contendo as palavras par/ ímpar, deveria seguir a seta conforme o número tirado. Ou seja, se o jogador tirou um número par, ao passar por esta casa, seguia a seta par; se tirou um número ímpar, seguia a seta ímpar.*
- **Casa contendo a Mãe da Mata:** *Quando a peça caía na casa da Mãe da Mata, o jogador ganhava uma cumbuca de látex por ajudá-la denunciando o desmatamento ilegal.*

Nessa casa, foi trabalhado sobre a Mãe da Mata e a sua importante função de protetora da fauna e flora amazônica. Além disso, foi abordada a necessidade de denunciar o desmatamento ilegal e o quanto isso colabora para preservação da floresta amazônica.

- **Casa contendo a seringueira:** *Quando a peça caía na casa contendo a seringueira o jogador deveria retirar uma carta do baralho de questões. Caso respondesse corretamente, ganhava uma cumbuca de látex. Caso errasse ou não soubesse responder, o próximo jogador teria o direito de respondê-la. Se respondesse corretamente, ganhava uma cumbuca de látex. Caso contrário, daria a chance ao próximo jogador. Se nenhum dos jogadores respondesse a pergunta, ninguém ganhava a cumbuca, mas o grupo deveria pedir a explicação a professora/mediadora. O jogo só prosseguiria quando a pergunta fosse respondida.*
- **Madeira de manga:** *Quando a peça caía na “madeira de manga” o jogador teria direito a responder 3 questões conforme as instruções para a casa contendo a seringueira.*

Nessa casa, antes de realizar as 3 questões, explicamos a eles o que é uma madeira de manga⁶.

Ao darem a volta no tabuleiro, todos iriam ao posto de recolhimento. No posto de recolhimento cada participante deveria jogar o dado. O número que foi tirado correspondia ao teor de borracha no látex coletado: o número 1 corresponde a 25%, o número 2 a 30%, o número 3 a 35%, o número 4 a 40%, o número 5 a 45% e o número 6 a 50%. Multiplique o número de cumbucas pelo teor para saber a quantidade em litros de látex coletado. Para cada litro de látex receba R\$8,00 em dinheiro de brinquedo.

Antes de iniciar a contagem das cumbucas, realizar o cálculo e pagar os jogadores. Expliquei a função do posto de recolhimento e que eram os responsáveis por eles dentro dos seringais. Isso é fundamental para cotejar a história da extração da borracha com o jogo, haja vista que não é possível tratar como simples vencedores como nos jogos.

⁶ Madeira de boa qualidade, comumente usada na fabricação de peças decorativas e móveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos essas considerações com um questionamento que partiu de um discente da escola sobre estudar a Amazônia no início do ano letivo de 2022: “**Prof. Por que precisamos estudar sobre a Amazônia?**”. No ato da pergunta, esclarecemos o objetivo da disciplina de Estudos Amazônicos e a importância do estudo sobre a nossa região. E ele se posicionou respondendo assim: “**mas estamos no Xingu e não na Amazônia**”. Nesse momento, usamos um mapa como recurso e mostramos não somente para ele, mas para toda a turma a nossa localização geográfica.

Pontuamos que nossa localização é no estado do Pará, na Bacia do rio Xingu, que é um afluente do rio Amazonas. Ressaltando que estamos inseridos em uma demarcação política/geográfica que conhecemos como Amazônia Legal, ou seja, pertencemos sim a região amazônica. Diante dessa informação, algumas “carinhas” expressaram surpresa ao saber que vivem na Amazônia, e que estão inseridos dentro desse espaço geográfico.

Partindo desse pressuposto, observou-se o distanciamento dos alunos com a História Regional e Local que conseqüentemente gera a não identificação como amazônidas, não estabelecendo com esta região uma relação de pertencimento, o que torna a disciplina de Estudos Amazônicos bem mais desafiadora.

No discurso de uma porcentagem de alunos, ainda percebemos as representações sociais estereotipadas criadas por eles a partir de informações externas sobre a Amazônia, e uma das mais preocupantes é o fato de visualizarem a Amazônia como um lugar distante da sua realidade. Diante disso, o ambiente escolar tem o desafio de desvelar estas representações, e os educadores das Ciências Humanas reformular suas práticas pedagógicas com a finalidade de contribuir para desmistificar o papel que estas exercem na leitura de mundo de nossos discentes sobre a Amazônia.

Esclarecer essas representações sociais por parte docentes contribui para que nossos discentes possam reelaborar o seu conhecimento sobre a região na qual eles e elas vivem e são protagonistas. A utilização das novas tecnologias, seja de informação ou comunicação, e as inúmeras inovações metodológicas, buscam auxiliar a prática pedagógica em sala de aula com o objetivo de nortear e estimular o aprendizado dos alunos, proporcionando ações que seriam facilitadoras e úteis para seu aprendizado.

Inserindo novos métodos de ensino que enriqueçam a prática pedagógica, o jogo do tabuleiro que norteia esse trabalho contribuiu para que os discentes pudessem visualizar e aprender sobre a temática “Batalha e Soldados da Borracha” e a Amazônia, pois cada etapa do jogo incluía conhecer o ofício do seringueiro, a importância da extração do látex para sua sobrevivência, pois para muitos era o único meio de sustento, a relevância das crenças amazônicas para os povos tradicionais e a manutenção da cultura, além da preservação da fauna e flora amazônica.

Desconstruindo a Amazônia como um paraíso perdido, sem a interferência humana, sem crimes ambientais. Onde extrativistas, ribeirinhos, indígenas, quilombolas e outros grupos sociais não são vistos como homens e mulheres históricos, produtores

e reprodutores de espaços socialmente construídos. Em sua maioria, nunca aparecem como sujeitos que lutam para preservar sua cultura, identidade, e vivendo em constante ameaça da expansão capitalista sobre a região.

Compreender a experiência dos sujeitos históricos envolvidos nesse processo, sejam eles migrantes ou nativos da região amazônica, seja de forma individual ou coletiva irão impulsionar a construção do conhecimento acerca dos aspectos específicos vivenciados por homens e mulheres que realizaram ou realizam a atividade extrativista da borracha.

Outro ponto que gostaríamos de salientar é que a utilização desse jogo na sala permitiu-nos refletir e problematizar sobre a questão da interdisciplinaridade presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Isso é relevante porque Portela (2018) adverte que no próprio documento não está claro a forma como esse processo deve ser construído, nem muito menos uma noção concreta de interdisciplinaridade. O que acaba deixando o problema ainda aberto, não cumprindo o papel crasso de documento norteador: que é o de geratriz da formação continuada dos profissionais da educação.

Então, pelo que foi exposto, acreditamos que a experiência desenvolvida no âmbito da escola Saint Clair Passarinho, na cidade de Altamira, pode fornecer esses elementos para subsidiar as discussões sobre a interdisciplinaridade, tão cara, mas relegada a base. Logo, no nosso entendimento o trabalho aqui desenvolvido pode ser importante, já que foi construído a partir de um jogo que foi pensado no horizonte da interdisciplinaridade, permitindo a integração entre as diferentes áreas do conhecimento: Geografia, História, Sociologia, Filosofia e Estudos Amazônicos, por exemplo.

AGRADECIMENTOS

Esse artigo foi fruto de uma monografia defendida no Curso de Especialização em Práticas de Ensino em Geografia e Estudos Amazônicos (CEPEGEA-UFPA). Nesse sentido, agradecemos à banca (Márcia Saraiva e José Herrera) e aos demais professores pelas contribuições, críticas e sugestões.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Concepção: Zayra Fonseca e Mateus Lobato. **Metodologia:** Zayra Fonseca. **Análise formal:** Zayra Fonseca e Mateus Lobato. **Pesquisa:** Zayra Fonseca. **Recursos:** Zayra Fonseca. **Preparação de dados:** Zayra Fonseca. **Escrita do artigo:** Zayra Fonseca e Mateus Lobato. **Revisão:** Zayra Fonseca e Mateus Lobato. **Supervisão:** Mateus Lobato. Todos os autores leram e concordaram com a versão publicada do manuscrito.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniel Vater de. **A Disciplina Intitulada Estudos Amazônicos Constituinte-se como mais um Espaço Para o Conhecimento Geográfico em Sala De Aula**. Universidade Federal do Pará – UFPA/Campus Marabá, Brasil. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Ensenanzadelageografia/Metodologiaparalaensenanza/40.pdf>> Acesso: 04 de fev. 2023.
- ARAMBURU, Mikel. Aviamento, modernidade e pós-modernidade na Amazônia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 25, ano 9, 1994.
- BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da batalha da borracha**. Manaus, Imprensa Oficial do Estado Amazonas, 1992.
- BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 2003.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas** / Peter Burke (org.); trad. de Magda Lopes - São Paulo: Editora UNESP. 1992.
- COSTA, Mariete Pinheiro. O Parlamento e o Soldado da Borracha no Limiar da II Guerra Mundial. Monografia – Curso de Especialização em Instituições e Processos Políticos do Legislativo – Câmara dos Deputados, Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento, 2007.
- D'ARAÚJO, Maria Celina. (Org.). **As instituições brasileiras na era Vargas**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ e Fundação Getúlio Vargas, 1999, 212.
- DEAN, Warren. **A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica**. São Paulo, Nobel, 1989, p. 131-154.
- GOMES, Ângela de Castro. **População e Sociedade. Olhando para dentro 1930-1964/** coordenação Ângela de Castro Gomes. -Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. (História do Brasil Nação: 1808-2010; Vol.4).
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **A Batalha da Borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo**. Revista de Sociologia e Política nº 9, 1997.
- LIMA, Cristiano Bento de. A Importância do Ensino de História Local nas Escolas. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-ensino-da-historia-local-nas-escolas/65870/#ixzz4tt76FVos>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2023.
- MACHADO, Lia Osório. **Mitos e realidades da Amazônia brasileira: no contexto geopolítico internacional (1540-1912)**. 1989. 510 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Geografia Humana, Universidade de Barcelona, Barcelona, 1989.

MACHADO, L. O. **Urbanização e mercado de trabalho na Amazônia Brasileira.** Cadernos IPPUR, 1, 1999.

NÓBREGA, Danielly de Sousa. **O valor dos seringueiros como madrugadores da floresta: da Hevea brasiliensis à borracha.** / Danielly de Sousa Nóbrega, Anelise Maria Regiani. – 2016. Disponível em: <http://www2.ufac.br/mpecim/menu/produtos-educacionais/2014/produtoeducacional-danielly-de-sousa-nobrega.pdf>. Acesso em: maio de 2022.

NOVAIS, Fernando Antônio. **Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial (séculos XVI-XVIII).** São Paulo: Brasiliense, 2007.

OLIVEIRA, Leonardo da Costa. **História regional em questão: uma análise sobre o material didático da disciplina Estudos Amazônicos na EMEF João Paulo II (Ananindeua – PA).** ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História. Rio de Janeiro Rj, 2021. Disponível em:

https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628432967_ARQUIVO_c4960d35861d646bd6624b476c38769d.pdf. Acesso em 07 fev. 2023.

PORTELA, Mugiany Oliveira Brito. BNCC para o ensino de Geografia: a proposta das ciências humanas e da interdisciplinaridade. **OKARA: Geografia em debate**, v. 12, n. 1, p. 48-68, 2018. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/okara/article/view/38216>>.

RIBEIRO, Nelson de Figueiredo. **A questão geopolítica da Amazônia: da soberania difusa à soberania restrita.** Brasília: Senado Federal, 2005.

ROCHA, Genylton; AMORAS, Izabel. **O ensino de geografia e a construção de representações sociais sobre a Amazônia.** Terra Livre. Ano 22, v. 1, n. 26 p. 143-164 Jan-Jun/2006. Disponível em:

<<https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/download/212/196>> Acesso: 11 de fev. 2023.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História econômica da Amazônia: 1800-1920.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1980, 358 p.

SECRETO, María Verónica. **Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas.** São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2007.

SECRETO, María Verónica. **A ocupação dos “espaços vazios” no Governo Vargas: do “Discurso do Rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha.**

Estudos históricos, nº 40, julho-dezembro de 2007, p. 115-135. Disponível em: <A ocupação dos "espaços vazios" no governo Vargas: do "Discurso do rio Amazonas" à saga dos soldados da borracha | Revista Estudos Históricos (fgv.br)> . Acesso em: 15 de novembro de 2022.

SOARES, Lúcio de Castro. Delimitação da Amazônia para fins de planejamento econômico. **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro, ano 10, n. 2, pp. 2-52, abr./jun. 1948.

WOLFF, Cristina Scheibe. **E não desapareceram... a sobrevivência na floresta (1913-1945)**. In: Mulheres da floresta: uma história, Alto Juruá, Acre (1890-1945), São Paulo: HUCITEC, 1999.



Revista Geonorte, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus-Brasil. Obra licenciada sob Creative Commons Atribuição 3.0